

## O legado de uma educadora rural cearense do século XX

Yls Rabelo Câmara<sup>i</sup> 

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Quixadá, Ceará, Brasil

1

### Resumo

Esse trabalho volta-se para a biografia e para a análise da importância laboral de Maria Nazaré Saraiva Rabelo, uma educadora rural do distrito de Juazeiro de Baixo, em Morada Nova, no Ceará, que viveu entre 1912 e 1998 e se dedicou por trinta e nove anos à educação de crianças e jovens do seu entorno. Utilizamos os recursos de abordagem da História Oral e entrevistamos dez sujeitos, todos ex-alunos seus. Com base em investigadores consagrados da área como Araújo (2002), Bueno *et al.* (2006), Calazans (1993) e Torres e Simões (2018), analisamos seu perfil e concluímos que ainda que a historiografia não contemple suficientemente as biografias de educadoras rurais do século passado, o estudo mais apurado de algumas delas é mister, a fim de que conheçamos quem foram as grandes educadoras leigas anônimas que levaram conhecimento e acolhimento aos rincões mais inhóspitos do país em uma época *idem*.

**Palavras-chave:** Biografia. Educadora Rural. Educadora Leiga.

### The Legacy of a Rural Educator from Ceará in the 20th Century

### Abstract

This paper focuses on the biography and analysis of Maria Nazaré Saraiva Rabelo's labor importance, a rural educator from the district of Juazeiro de Baixo, in Morada Nova, Ceará, who lived between 1912 and 1998 and dedicated herself to the education of children and young people in her surroundings for thirty-nine years. We used the resources of Oral History and interviewed ten subjects, all former students of hers. Based on researchers such as Araújo (2002), Bueno *et al.* (2006), Calazans (1993) and Torres and Simões (2018), we analyzed her profile and concluded that although historiography does not sufficiently embrace the biographies of rural educators of the last century, the most accurate study of some of them is necessary, in order that we know who the great anonymous lay educators were, those who brought knowledge to the most inhospitable corners of the country at a time likewise.

**Keywords:** Biography. Rural Educator. Lay Educator.



## 1 Introdução

Em 15 de março de 1998, deixava-nos uma das educadoras rurais mais importantes do Baixo Jaguaribe: Maria Nazaré Saraiva Rabelo, uma mulher que cursou até a quarta série primária e ensinou todas as crianças de sua comunidade até essa mesma série durante quase quatro décadas.

Uma parte de seus alunos destacou-se na vida adulta como médicos e outros profissionais liberais, comerciantes, pastores evangélicos, professores e gestores escolares; outros continuaram sendo agricultores como seus pais, mas com uma diferença: não mais analfabetos como eles.

À guisa de homenagem a ela pela pessoa e pela profissional que foi, uma líder entre os seus, reconhecida entre os que a tiveram como mestra ainda que esquecida pela atual geração, aqui traçamos seu perfil. Em um país que não privilegia à altura seus educadores, muito mais do que labutarmos para batizarmos ruas ou escolas com seu nome, queremos legar à Academia a biografia e os feitos narrados dessa professora rural que representou, para o seu tempo, o bastião do conhecimento compartilhado.

Destarte, primeiramente expomos brevemente um panorama da educação rural no Brasil na primeira metade do século XX. Em seguida, contextualizamos essas informações ao apresentarmos a pessoa e a profissional Maria Nazaré Saraiva Rabelo. Por último, suas memórias a partir dos testemunhos de alguns de seus ex-alunos que quiseram colaborar conosco através de entrevistas semiestruturadas, oferecendo-nos sua visão de discentes acerca de sua primeira docente.

## 2 Metodologia

Para bem desenvolvermos a presente pesquisa, optamos pelo percurso metodológico da História Oral biográfica (FERREIRA; AMADO, 2006), uma vez que os testemunhos colhidos dos ex-alunos da biografada permitiram-nos delinear sua trajetória pessoal e profissional. As narrativas orais, adquiridas por meio de entrevistas





semiestruturadas individuais com dez participantes, em Juazeiro de Baixo e Fortaleza, foram coletadas no mês de dezembro de 2018, registradas em gravador de voz eletrônico, transcritas, validadas, textualizadas e analisadas à luz de Meihy e Holanda (2007).

Esses sujeitos colaboradores foram selecionados pela proximidade que tinham para com a biografada, por haverem sido seus alunos na infância e/ou adolescência, legitimando que a “[...] história oral não se faz sem a participação humana direta, sem o contato pessoal.” (idem, p. 22). Os contatos iniciais com os entrevistados deram-se por telefone, quando agendamos as entrevistas individuais. No dia marcado, apresentamos previamente o roteiro da entrevista a cada um deles e pedimos sua autorização para gravarmos o conteúdo da conversa que teríamos. Obtivemos o consentimento de todos para fazê-lo; assim o material acústico coletado ficou armazenado em mídia eletrônica, com o intuito de garantirmos sua qualidade e preservação.

A etapa seguinte foi da transposição do material oral para a escrita. Feito isso, realizamos sua análise, considerando tanto a linguagem verbal como a não verbal dos entrevistados. Desta feita, consideramos os silêncios, os esquecimentos, a gesticulação, o semblante dos entrevistados e tudo o que acompanhou suas narrativas, uma vez que as subjetivações intrínsecas aos informantes também são aspectos importantes de análise. Quanto aos silenciamentos e aos lapsos de memória, ambos compõem também o substrato da pesquisa em História Oral – principalmente com idosos, como foi o caso dos nossos colaboradores.

Sem ignorar que o esquecimento proposital ou não dos entrevistados possa ter sido um problema menor para a coleta de dados, ainda concebemos que as narrativas orais foram essenciais para essa pesquisa, especialmente pela ausência de fontes documentais envolvendo a biografada, já que não encontramos nenhum documento laboral seu em posse de seus familiares nem qualquer registro seu em órgãos educacionais públicos ligados à localidade de Juazeiro de Baixo.

Conforme Bueno et al. (2006), no que tange à História da Educação, as narrativas orais têm sido cada vez mais empregadas. Segundo eles, no Brasil, a História Oral sobre a trajetória de vida e a história de instituições tem sido tomada como uma profícua



metodologia de investigação científica nos últimos anos – por isso a preferimos nesse trabalho.

## 3 Resultados e Discussão

4

### 3.1 A Educação Rural na Época em que a Biografada Lecionou

O termo *educação rural* era corrente até uma ou duas décadas, quando foi paulatinamente sendo substituído pelo termo *educação do campo*. É fundamental distinguir ambos entre si porque esse não é a continuidade daquele, conforme Torres e Simões (2018). Para esses autores, a educação rural (no contexto em que esse conceito era aplicado no interior de um Brasil agrário e economicamente atrasado) era entendida como necessária para que os alunos “do sítio”, em aulas multisseriadas, tivessem uma educação, ainda que mínima – nem que fosse apenas a alfabetização.

Antonio e Lucini (2007) afirmam que esse afã de minorar o analfabetismo no meio rural, juntamente com a pouca estrutura da maior parte das escolas rurais de então, exigiu que as professoras fossem moradoras da região. A grande maioria delas era pouco remunerada e escassamente preparada para assumir tal função emergencial. Como havia uma evidente segmentação entre a escola urbana e a escola rural, essas menos atendidas pelas políticas públicas do que aquelas, ocorreu o chamado “êxodo rural escolar”, que acarretou preconceito linguístico e acolhida fragmentada desses alunos ao ingressarem nas escolas urbanas.

Torres e Simões (2018, p. 3) asseveram que a educação rural surgiu no Brasil em 1917, como uma tentativa governamental de conter o êxodo rural; de 1930 a 1960 ela foi essencial nesse sentido. Sua missão era diminuir o índice de analfabetismo e prover o mínimo de educação formal a brasileiros que viviam longe dos grandes centros urbanos; sua ótica era latifundiarista, visando à preparação para o trabalho agrícola e pecuário. Contudo, Calazans (1993) afirma que nos anos 1930 a prática revelou-se ineficiente, especialmente por não considerar positivamente os povos existentes no campo naquele momento, vendo-os como inferiores, não observando suas peculiaridades, valores e



saberes, aprisionando-os em um estereótipo único, uma vez que era pensada a partir do mundo urbano.

Da Costa (2014) expõe que essa foi a década da criação do Ministério da Educação assim como de leis que buscavam regulamentar e padronizar o ensino no país, que dividiram a educação básica em fundamental, ginasial e supletiva – que resultou em uma ação dual e preconceituosa. Segundo Calazans (1993), algumas iniciativas pontuais para a educação rural somente foram tomadas a partir da década seguinte, com o intuito de fixar o homem no campo, ainda que o êxodo rural continuasse em crescimento, especialmente advindo das estiagens que assolaram o Nordeste nas primeiras décadas do século XX e da atração que o desenvolvimento citadino tinha sobre o meio rural no Brasil já tocado pela Belle Époque.

Contudo, na prática, a instalação dessa política educacional não foi bem articulada, pois atendia a interesses antagônicos, que prejudicavam os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem uma vez que se propunha uma escola integrada às condições locais, regionalista, que buscasse a fixação do sujeito no campo. Por outro lado, os industriais, ameaçados pelo êxodo rural, incapacitados de absorver mais mão de obra, apoiavam os ruralistas. Além dessa dicotomia de interesses conflitantes, havia a despreocupação quanto à preparação das docentes e a insalubridade de seus locais de trabalho, inapropriados para a boa execução de seu labor.

Podemos classificar as professoras rurais que atuavam na época e nas mesmas condições que nossa biografada como leigas – não no sentido pejorativo de incautas, néscias ou despreparadas, mas conforme o sentido atribuído por Soares (1999, p. 7), para quem o professor leigo é “[...] aquele que mesmo em exercício na escola pública e privada, na capital e no interior, não dispõe da habilitação mínima para atuar no magistério [...]”. Professoras como Maria Nazaré Saraiva Rabelo não haviam cursado a Escola Normal nem tinham preparo pedagógico além de uma mínima escolarização.

A bem da verdade, essas professoras leigas eram, até certo ponto, desvalorizadas pelo poder público, mas valorizadas em suas comunidades. Não raro recebiam ínfima remuneração e adaptavam um cômodo de sua casa ou a cediam completamente para





albergar as aulas e os alunos em classes multisseriadas (ARAÚJO; SILVA, 2002). Por seu desprendimento e pela generosidade de disporem de seu tempo e de seu espaço para transmitirem o pouco que sabiam, ainda são lembradas com gratidão e carinho pela geração que teve o privilégio de aprender diretamente com elas.

A seguir, analisamos aspectos pessoais e laborais de nossa biografada, uma professora leiga que legou à sua comunidade grande parte do que aprendera rudimentarmente, fazendo de sua casa a escola do lugar, trazendo luz e letras para Juazeiro de Baixo.

### 3.2 Em Resumidas Linhas, Maria Nazaré Saraiva Rabelo

Se existe uma lacuna quanto à educação rural no país, tanto maior é essa mesma lacuna no que concerne às educadoras rurais – professoras leigas que se dedicaram a mitigar o analfabetismo em suas comunidades, utilizando para isso suas próprias casas e sendo parcamente remuneradas para realizarem seu labor em turmas multisseriadas e propensas à evasão escolar provocada pelo êxodo rural. Esse problema fomentou o ruralismo pedagógico, em ebulição desde a década de 1920 e que “[...] encontrou terreno fértil para a proliferação de seu ideário no período pós-movimento de 1930, haja vista a expansão do ensino brasileiro [...]”. (ARAÚJO, 2011, p. 238). Na esteira dessas mulheres abnegadas e de seus contextos, temos a atuação de nossa professora aqui biografada.

Esquivando-nos dos clichês, mas sem poder evitar utilizá-los quando nos referimos a ela, Maria Nazaré Saraiva Rabelo foi uma mulher à frente do seu tempo: apesar do pouco estudo, foi a educadora rural mais destacada de seu meio; alfabetizou todas as crianças de seu entorno e tornou-se a líder da comunidade, onde era a conselheira, tida como mulher sábia, proativa, influente, honesta, justa e cordata.

Sendo a mais velha de quatorze filhos, Nazaré nasceu em uma família modesta da localidade de Juazeiro de Baixo, distrito do município de Morada Nova, na região do Baixo Jaguaribe, no Ceará. Como primogênita, era adorada por seu pai, José Celestino Saraiva, um homem vaidoso, que costumava cavalgar com um lenço vermelho no pescoço para não o queimar ao sol; tinha maciços anéis de ouro nos dedos – algo raro entre





lavradores. Nem ele nem sua esposa, Maria do Rosário Saraiva, apreciavam que sua filha estudasse; preferiam que ela cuidasse dos irmãos que iam nascendo – o que ela fez até os vinte e dois anos, idade com a qual casou-se e saiu de casa.

A menina Nazaré não teve uma infância diferente da de suas irmãs, primas e amigas. Contudo, à medida de ia crescendo, foi se apaixonando pelo conhecimento, pelo aprendizado, e planejava entrar para a vida conventual a fim de seguir estudando indefinidamente, para desgosto de seu pai – que a queria ver casada, não freira. Como moça prendada e de boa família, correta em suas atitudes e casadoira, namorou, por dez anos, José Borges Rabelo, um jovem loiro e de olhos azuis – características que contrastavam com os cabelos escuros e a pele morena de Nazaré. José Borges era ludopata – o que desagradava sua noiva. Nazaré postergou o quanto pode o casamento, mas ao cabo de uma década de compromisso, pressionou-o a abandonar o vício. Na iminência de perdê-la, ele aquiesceu.

Casaram-se no do dia 31 de janeiro de 1935, na Igreja do Divino Espírito Santo, em Morada Nova, e tiveram quatro filhos: Sebastião Saraiva Rabelo (morto aos três meses de idade), Maria do Socorro Saraiva Rabelo (Maria do Socorro Rabelo Moraes, ao casar-se, em 26 de outubro de 1963, com Francisco Grangeiro Moraes; falecida em 03 de março de 2017 devido a uma sepse não contida a tempo), José Simeão Saraiva Rabelo e Maria Susete Saraiva Rabelo (Maria Susete Rabelo Câmara, ao casar-se, em 06 de dezembro de 1969, com Francisco de Assis Câmara). Tiveram nove netos: Cristiane Rabelo Moraes e Suziane Rabelo Moraes – filhas de Socorro; Ricardo Jorge Rabelo, Marco Antônio Rabelo e Michelle Rabelo – filhos de Simeão; Yls Rabelo Câmara, Elpídio José Borges Câmara, Yzy Maria Rabelo Câmara e Francisco de Assis Câmara Rabelo Filho – filhos de Susete.

Nazaré foi uma esposa dedicada, uma mãe e avó amorosa e uma costureira requisitada, além de haver sido uma professora vocacionada. Sua rotina incluía momentos bem delimitados do seu dia para a realização de tarefas específicas: pela manhã, cuidava da casa; à tarde, lecionava (e quando se aposentou, dedicou-se à costura e à leitura vespertina); à tardinha, rezava; à noite, realizava alguma tarefa doméstica e dormia cedo.



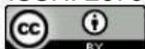


Sua vida de ensinante era solitária, uma vez que não tinha colegas com quem dividir conversas sobre a sua práxis. Como não tinha muito estudo e precisava estar constantemente sendo capacitada para transmitir todo o conteúdo que detinha, costumeiramente buscava atualizar-se na Barra do Sitiá, com um professor chamado Cícero Rabelo. Aqueles eram tempos difíceis. Não havia a malha viária que dispomos hoje; os transportes públicos eram raros e os particulares não obedeciam uma frequência rígida. Assim, quando necessitava dessas reciclagens, Nazaré selava seu cavalo e partia, no raiar do dia, com o pequeno Simeão na garupa, em uma viagem árdua, cruzando o Rio Banabuiú. Voltava sempre no fim da tarde ou no começo da noite. Os demais filhos ficavam aos cuidados de seu esposo até que ela retornasse.

Com o passar dos anos, seus filhos foram saindo de casa para estudar, sendo albergados por amigos e parentes em suas moradias: Socorro, aos 12 anos, foi para Morada Nova, mas não tanto para estudar e sim para trabalhar; Simeão, aos treze, partiu para o seminário em Limoeiro do Norte; Susete, em 1957, aos quatorze, foi morar em Fortaleza para cursar o ginásio no Ginásio Dom Bosco e logo no Ginásio Municipal, de onde saiu para cursar o clássico no Liceu do Ceará.

A Professora Nazaré seguiu ensinando em sua casa aos filhos de seus vizinhos, de 1933 até 1972, quando sua filha Susete veio buscá-la, assim como a José Borges, para que fossem morar em Fortaleza, em um sítio dela e de seu esposo, no bairro Jardim das Oliveiras. Para José Borges foi um processo menos difícil do que para Nazaré, que acostumada a ser a líder do lugar e de contar sempre com muitas pessoas em casa, passar a morar em um bairro onde não a conheciam nem a necessitavam da mesma forma que outrora, como em seu rincão original, foi doloroso. A solidão, que até então para ela era um sentimento desconhecido, passou a rondar seus passos. Mesmo com a presença dos filhos e dos netos em sua casa na semana e nos fins de semana e apesar das ligações diárias que intercambiava com as filhas e da amizade sólida que firmou com os novos vizinhos, nunca se sentiu pertencente de todo à Fortaleza.

O hábito de ler, de rezar o Ofício de Nossa Senhora, de costurar e de dividir seu dia em tarefas específicas ela manteve até o final, quando acometida do Mal de Chagas





desenvolveu uma cardiopatia que a levou no final da manhã do dia 15 de março de 1998, no mesmo dia em que aniversariava seu neto mais novo, Francisco, filho de sua filha caçula – com quem ela estava passando uma temporada para se cuidar.

Passados vinte e dois anos, sua memória é revivida sempre que os que a conheceram se reúnem. As lembranças são sempre gratas e gentis, tal como podemos comprovar na próxima sessão, que versa sobre as impressões que alguns de seus ex-alunos ainda vivos têm dela.

### 3.3 Quem foi Maria Nazaré Saraiva Rabelo Segundo Seus Ex-alunos

Com o afã de entrevistarmos alguns de seus ex-alunos, dirigimo-nos um final de semana a Juazeiro de Baixo. Não foi fácil encontrarmos sujeitos dispostos a colaborar conosco como pensávamos a princípio: muitos desses alunos haviam morrido, outros já não moram mais ali e/ou têm paradeiro desconhecido, outros ainda têm demência em maior ou menor grau – o que inviabilizou as entrevistas por não serem totalmente críveis como informantes. Isso *per se* já é o suficientemente triste, mas ainda mais doloroso foi constatarmos que apesar de haver sido uma pessoa extremamente importante naquele lugar décadas atrás, somente “os antigos” lembravam-se dela. Nenhuma rua ou escola tem o seu nome – o que para nós soa como uma injustiça que a falta de memória impulsiona.

Em Juazeiro de Baixo entrevistamos quatro sujeitos e em Fortaleza, seis, em um lapso de um mês. Tanto estes como aqueles foram extremamente gentis ao nos receberem em suas casas. O denominador comum entre eles foram as boas lembranças de sua ex-mestra, assim como a severidade com a qual ela tratava a insubordinação de seus pupilos. Segundo eles, Nazaré utilizava a sala de sua casa para comportar aproximadamente vinte carteiras, além de uma lousa preta em uma das paredes. Não havia assento para todos; a depender da quantidade de alunos, em certos dias, alguns sentavam-se no chão. Eles encaixavam-se em vários graus de aprendizagem, que iam da alfabetização à quarta série – não havia como separá-los; todos estudavam juntos, à tarde, de 13:00 às 17:30. A eles ela ensinava Português, Matemática, Geografia, História,





Ciências e Religião. Usavam-se cartilhas e tabuadas, praticavam-se ditados e cópias – poucos recursos, típicos de um momento difícil. Nazaré tinha menos livros do que gostaria; os alunos nem sempre tinham cadernos e lápis, mas improvisava-se como era possível. Três dos sujeitos entrevistados afirmaram não terem tido material escolar naquele momento e que estudavam com os materiais escolares dos irmãos ou dos primos.

Conforme o que nos informaram, ela os preparava tão bem que alguns saíram dali especificamente para fazerem o exame de admissão ao ginásio e foram aprovados logo na primeira tentativa. Uma grande parcela de seus alunos seguiu estudando em Morada Nova ou em Fortaleza; muitos foram também os que após a quarta série primária com ela abandonaram os estudos para se dedicar à agricultura e à pecuária de subsistência e/ou matrimônio e à maternidade.

Nazaré era uma professora carinhosa porque amava crianças, mas também era rígida quando necessário. A palmatória era um recurso punitivo por ela utilizado, mas ela se negava a aplicar em seus alunos outros recursos “pedagógicos” dolorosos à guisa de corretivos. Sua forma de ensinar, pautada na pontualidade, na assiduidade, na transmissão de conhecimentos de maneira facilmente compreensível e no respeito que mantinha e recebia de seus alunos emprestava-lhe um diferencial em um tempo onde a capacidade de uma professora primária era medida pela autoridade que ela impunha a seus alunos.

## 4 Considerações Finais

A partir da coleta das entrevistas levadas a cabo entre seus ex-alunos, no mês de dezembro de 2018, ano que selou o aniversário de vinte anos de seu falecimento, pudemos comprovar o quão importante foi a Professora Maria Nazaré Saraiva Rabelo para eles, como sua memória segue viva entre gratas lembranças pretéritas e como seus ensinamentos lhe valeram para a vida.

Comprovamos, assim, que as professoras rurais e leigas foram essenciais para a disseminação do conhecimento básico no interior de um Brasil agrário da primeira metade





do século XX, em um Nordeste esquecido pelo poder público. Comprovamos, sobremaneira, como essas professoras abnegadas impingiram uma marca indelével na memória afetiva de seu alunado – assertiva que ilustra a importância de Maria Nazaré Saraiva Rabelo para seus alunos, hoje todos idosos ou quase, mas unanimemente de acordo a respeito da importância dessa educadora, a primeira de suas vidas.

Por último, destacamos que professoras leigas rurais, como o foi a que nesse trabalho analisamos, merecem ser conhecidas e reconhecidas pelo trabalho que realizaram em um período crítico de nossa História, mas que, comprometidas com sua profissão, levaram adiante sua missão de contribuir para com a erradicação do analfabetismo em seu entorno.

## Referências

ANTONIO, C. A.; LUCINI, M. Ensinar e aprender na educação do campo: processos históricos e pedagógicos em relação. **Educação do Campo** – Cadernos do Cedes, Centro de Estudos Educação Sociedade, v. 27, n. 72, p. 177-195, São Paulo, 2007.

ARAÚJO, F. M. L. Educação Rural e Formação de Professores no Brasil: gênese de uma experiência pioneira. **Cadernos de História da Educação**, v. 10, n. 2, p. 237-255, jul./dez., 2011.

ARAÚJO, F. M. L.; SILVA, M. G. F. Professora Leiga no Estado da Paraíba: ditos e não ditos. **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação**. “História e Memória da Educação Brasileira”, 8 f., 2002.

BUENO, B. O.; SOUSA, C. P. de; CATANI, D. B. *et al.* Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 385-410, São Paulo, maio/ago., 2006.

CALAZANS, M. J. Para compreender a educação do Estado no meio rural – traços de uma trajetória. In: THERRIEN, J.; DAMASCENO, M. N. (Coords.). **Educação e escola no campo**, p. 172-184, Campinas: Papirus, 1993.

DA COSTA, L. R. F. O Desenhar de uma Educação Interiorana: uma análise do processo educativo e do cotidiano escolar na cidade de Bananeiras-PB no início do século XX. **TCC**. Curso de Especialização da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba. 44 f., 2014.





FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos & Abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MEHMY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

SOARES, J (org.). **A Formação do professor leigo: operação de guerra**, 2 ed. Sobral: Ed. UVA, 1999.

TORRES, M. R.; SIMÕES, W. Educação no Campo: por uma superação da Educação Rural no Brasil. **UFPR Litoral**, p. 1-15, 2018.

<sup>i</sup> Yls Rabelo Câmara, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2009-5022>

Curso de Letras Inglês. Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central. Hispano-brasileira, Pós-Doutora em Educação, Doutora e Mestra em Letras – Inglês, Especialista em Ensino de Espanhol/LE e em Ensino de Línguas Estrangeiras – Inglês, Licencianda em Letras Espanhol, Pedagogia e História. É docente do Curso de Letras Inglês da FECLESC/UECE. Contribuição de autoria: todo o texto foi tecido pela autora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6496730755775148>

E-mail: [ylscamara@hotmail.com](mailto:ylscamara@hotmail.com)

**Editora responsável:** Cristine Brandenburg

## Como citar este artigo (ABNT):

CÂMARA, Yls Rabelo. O legado de uma educadora rural cearense do século XX.

**Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2020. Disponível em: Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3711>

